

Por outra globalização:

Milton Santos e a visão em perspectiva da nova sociedade tecnológica.

Esp. Pedro Fernando Sahium

RESUMO

A partir das referências do geógrafo Milton Santos, o autor busca motivar a reflexão entre sociedade tradicional e sociedade tecnológica, indicando possibilidades para a práxis educativa. As desigualdades criadas pelo sistema capitalista estão postas e a tendência do sistema é de instrumentalizar a razão em desfavor da igualdade e contribuindo para manter as desigualdades sociais, isso se torna mais agudo quando a ênfase é colocada no tecnológico em detrimento do humanístico.

PALAVRAS- CHAVE

Globalização, Sociedade tecnológica, Educação.

Uma das tarefas difíceis para um estudante das Ciências Humanas e Sociais é perceber o mundo em que ele vive cotidianamente e descrevê-lo tal como ele é. Não estamos livres das influências endógenas e exógenas à nossa existência local. Vivemos no mundo da globalização econômica com uma propaganda ideológica de mundo plano; sociedades homogeneizadas; mercado único e demanda móvel; supremacia das técnicas; e as técnicas como absolutas e neutras; da prosperidade crescente e de um mundo pleno de informações e de conexões que teimam em não deixar os homens sós, criando um tipo de relação-conexão permanentes, constantes, cheias de ubiqüidade.

Milton Santos questiona os princípios e as conseqüências da chamada aldeia global, no que ele mesmo chama de fábula de aldeia global, com aquele conteúdo que lhe foi dado na conceituação feita no último quartel do século XX, e que nos transmitia esperanças no poder criador das comunicações; novas tecnologias e transportes que em franco desenvolvimento trariam consigo um mundo de distâncias encurtadas e pessoas mais próximas; instantaneidade de ofertas no mercado único e abundante; competição capaz de homogeneizar o planeta e dissipar as desigualdades. Enfim, um mundo que visto do século XX seria um espaço onde os homens viveriam sob o mesmo “teto”, sendo por isso mais fraternos.

A aldeia global, com toda sua gama de conseqüências, não seria mais do que fabulação realizada pelos entusiastas do desenvolvimento capitalista e que por astúcia ou ingenuidade, não denunciavam os efeitos de manipulação e de perversidade de um “novo” velho mundo excludente e já conhecido de muito. Enfrentando os desafios de viver o local sem perder a visão do global, Milton Santos faz um raio x do mundo da globalização como nos fazem crer e como perversidade. Das maravilhas que nos fazem crer o que temos é um exercício de fabulações que criou o culto ao consumo e tem gradativamente reduzido as relações humanas ao perfil de custo e benefício, reificando as pessoas e fazendo do homem um produto de si mesmo. Não somente isso, mas, obrigando os homens a investir tudo para ter sucesso no mercado, ou seja, fazendo com que todos os esforços possíveis sejam feitos para que este “produto”, o homem, seja “vendido” no mercado mundializado a um “bom preço”. A competitividade extremada deve ser o axioma guia da sociedade global. Uma competição que é cega ao ser humano e às suas especificidades, e que só considera o novo tipo de trabalhador que se exige para uma produção que se pretende ser para todos, em todos os lugares, e para todas as idades. É a era do Toyotismo, que despadroneza tudo, exige trabalhadores polivalentes para trabalharem em cadeias *just in time*, sepultando o tipo de educação construída nos dois últimos séculos. O termo Toyotismo aparece na obra de José Joaquim Brunner onde ele fala das mudanças que estão em curso e que afetam principalmente as empresas formativas. Dentre estas mudanças a do mercado de trabalho com exigências de mais destrezas interpessoais; maior nível de escolarização; maior entendimento técnico; maior capacidade para ocupar novas funções. (p. 27, 28). Isso deve ser levado em consideração no repensar da educação e de suas especificidades para um novo tempo.

Se por um lado a competição impulsiona fábricas e construtores, pesquisadores e professores, Estado e capital privado, a produzirem mais, para atender mais pessoas em mais lugares, a um preço menor, por outro lado, corre-se o risco de comportamentos competitivos extremamente danosos, gerando desemprego estrutural (não é o desemprego de antes, que tinha caráter conjuntural, sazonal e que logo era debelado pelo surgimento de outros empregos), egoísmo, cinismo e corrupção. Afinal de contas, se o que vale é ser vendido com sucesso no mercado, tudo se torna permitido, e, validado pelos fins alcançados. Os meios deixam de ser bons ou maus, justos ou injustos. O que vale é a velocidade com que as coisas são criadas, produzidas, recriadas, transportadas, distribuídas, vendidas e descartadas para começar de novo um novíssimo ciclo de consumo. De acordo com a Psicanálise a novidade constitui sempre a condição do gozo, então, que tenhamos novidades a cada segundo. Esta máxima corrobora com a visão dos economistas Marx e Schumpeter, citados por Gilles Lipovetsky:

Marx e Schumpeter puseram em evidência o fato de que o capitalismo era um sistema baseado na mudança dos métodos de produção, na descoberta de novos objetos de consumo e de novos mercados. Mais sistemático que nunca o processo de destruição criativa inerente ao capitalismo passou para uma velocidade superior: no cosmo da hiper-mercadoria, a criação real ou fictícia de novos produtos impõe-se como o novo imperativo categórico do desenvolvimento, um de seus instrumentos de marketing mais poderosos (Lipovetski, 2004, p.85).

Para Milton Santos, a produção da globalização envolve uma série de fatores dentre os quais uma mais-valia universal que se dá na escala da produção mundial das empresas transnacionais e que é um tipo de motor único a impulsionar uma competitividade que faz crescer produtividade e lucro na união da ciência e da técnica (p. 29). Merece destaque o fato de que a globalização produziu com as novas tecnologias em informação e comunicação uma nova cognoscibilidade do planeta, ou seja, conhecer o planeta de forma extensiva e aprofundadamente é um fato. Tanto um aluno do ensino fundamental quanto um aluno do ensino superior, têm à disposição instrumentos suficientes para o conhecimento do planeta como nunca na história da humanidade. Um cuidado: todo esse avanço da ciência nos ajuda a retratar a geometria não a geografia do planeta. Aqui Milton Santos nos alerta para o conhecimento dos objetos dissociados da sociedade em que eles estão inseridos, o que pode resultar numa visão inadequada e ideológica da globalização. O que implica também na coisificação dos seres vivos (p. 31). As desigualdades criadas pelo sistema capitalista estão postas e a tendência do sistema é de instrumentalizar a razão em favor não da igualdade ou luta pela igualdade, mas, de manter as desigualdades pois centraliza-se o tecnológico em detrimento do humanístico.

Na globalização a esfera financeira se tornou autônoma, se apartou do processo de produção. Dinheiro vira dinheiro acumulado-se sem passar pela produção. Um dinheiro fetichizado, móvel, em pleno deslocamento pelo mundo. Dentro deste modelo o dinheiro se impõe como absoluto. Milton Santos chama de “tirania do dinheiro”. Podemos pensar que o dinheiro neste estado puro pode fazer com que as pessoas se organizem em diversas temporalidades, mas, de acordo com interesses que não ressaltam uma política genuína de igualdade e solidariedade entre os homens. Não uma resposta duradoura de esperança na nova estrutura tecnológica e de educação para todos os habitantes do planeta, mas, numa estrutura que nos encanta pelas possibilidades e que nos frustra pelas limitações a que impõe em função de uma sociedade que se reproduz na desigualdade. Numa estrutura de sociedade com tal referencial, “dinheiro tirânico”, tanto o território quanto o cotidiano das pessoas são alterados. Contudo, cresce em importância o papel do educador, com ou sem os novos instrumentos tecnológicos midiáticos. Milton Santos nos explica:

O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, de um lado acolhem os vetores da globalização, que nele se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo.(...)

Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.(Santos, M. , 2006 ,p. 114).

Como o próprio Milton Santos (2006) enfatiza sempre: a existência é produtora de sua própria pedagogia (p.116). Nós esperamos e trabalhamos pela resposta duradoura e estrutural numa política genuína.

Se bem compreendido, vejamos: a solidariedade não é vencida pelo pensamento único de que o nosso mundo da informação do século XXI é o mundo da competição extremada e inevitável. As necessidades compartilhadas por aqueles que vivem próximos gera irremediavelmente, e, para o bem, a solidariedade sem a qual a vida se tornaria impossível, dadas às desigualdades crescentes. O “pensamento único” que é uma marca pretendida deste início de século, com a vitória de um modelo liberal na economia, passa a ser repensado, não com um novo “ismo” qualquer ou ressurreto, mas como necessidade de reorganização do planeta em níveis de produção, consumo, relacionamento e de percepção do estar no mundo. É bom recordarmos das palavras do pedagogo Paulo Freire (1997): O mundo não é. O mundo esta sendo... meu papel no mundo não é o de quem constata o que

ocorre, mas, também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Constato não para adaptar, mas para mudar.

As técnicas surgidas na sociedade da informação se impuseram, num primeiro momento, como imperativas, imprescindíveis para a construção do mundo equilibrado e mais igualitário. Bem, isso foi num primeiro momento lá no último quartel do século XX. Agora, percebe-se que existe uma escassez tão crescente quanto os produtos colocados no mercado pela produção capitalista mundializada. Existe um distanciamento entre as populações mundiais. Os avanços das técnicas não sepultaram as desigualdades, pelo contrário elas aumentaram. Na leitura de Milton Santos ficou evidenciada uma máxima de que as novas técnicas não são boas nem más, mas, de que elas não são neutras. Consequentemente é possível uma consciência universal com base na utopia e na esperança.

Então, é preciso pensar as técnicas aliadas às políticas públicas de resgate da cidadania e da participação conjunta de todas as populações do planeta. Uma política globalizada que vê não só o processo de rapidez da produção e distribuição de mercadorias, mas, também, a possibilidade de fazer chegar a toda a humanidade os benefícios que agora são privatizados por poucos. Interessante é constatar que no discurso veiculado pelas mídias, os poucos que se beneficiam dos avanços da ciência são contados como se fossem representativos de toda a humanidade.

O papel que cumpre Milton Santos como pensador da realidade mundializada é de nos arremeter para um espaço de crença no poder da razão e no processo de observar, analisar, e, teorizar, para construir um mundo melhor. Como se costuma dizer nas ciências sociais: nada mais prático do que uma boa teoria.

Numa visão mais particular, ultrapassar o chamado "pensamento único" para ganhar a "consciência universal" é procurar entender o papel dos pobres que vivem neste mundo informacional e capitalista bem como o papel da classe média, no caso brasileiro (p. 132 a 137). Milton Santos fala da pobreza como uma situação de carência, mas também de luta, um estado de vida ativa em que a tomada de consciência se torna possível. Interessante é notar que a escassez produzida pela mais-valia mundial é que faz emergir a nova consciência possível destes que estão alijados do mercado global ou que se situam na base informacional do sistema. O deslocamento do eixo das práticas políticas centradas no dinheiro para novas práticas políticas centradas no ser humano. Esta é a esperança que surge da "experiência da escassez" (p.129 e 130).

As novas tecnologias de informação e comunicação, bem como as tecnologias que interagem com elas, não se espalharam democraticamente pelo mundo. Daí, as experiências de escassez crescem e podem ser constatadas nas relações de vizinhança. Milton Santos celebra essa experiência de escassez como possibilidade libertadora.

A experiência da escassez é a ponte entre o cotidiano vivido e o mundo. Por isso, constitui um instrumento primordial na percepção da situação de cada um e uma possibilidade de conhecimento e tomada de consciência. (...) Cada dia, nessa época de globalização, apresenta-se um objeto novo, que nos é mostrado para provocar o apetite. A noção de escassez se materializa se aguça e se reaprende cotidianamente, assim como, já agora, a certeza de que cada dia é dia de nova escassez. A sociedade atual vai dessa maneira, mediante o mercado e a publicidade, criando desejos insatisfeitos, mas também reclamando explicações. Dir-se-ia que tal movimento se repete, enriquecendo o movimento intelectual (p. 130).

O certo é que vivemos numa sociedade de profundas transformações na cultura material em função destas novas tecnologias de informação e comunicação. Manuel Castells (2007) diz que as mudanças materiais que estão acontecendo são de uma magnitude comparável à Revolução Industrial do século XVIII. Acrescenta também que as novas tecnologias em informação estão conectando o mundo e fazendo com que usuários e criadores se tornem a mesma pessoa. Com certeza é uma novidade. Contudo é bom lembrar que esses avanços não chegam indistintamente para todos em todos os lugares. O que existe mesmo é uma percepção social, produto ideológico, de que as novidades tecnológicas estão disponíveis para todos. As inovações tecnológicas não são ocorrências isoladas. As condições sociais, culturais e institucionais favorecem as inovações. Contudo as desigualdades se reproduzem.

Se for certo que emerge do mundo um novo paradigma, e que este traz consigo uma centralidade nas técnicas, no avanço e nas inovações tecnológicas, vale lembrar que o homem precisa recuperar a sua centralidade no processo histórico. Mesmo porque o que circula na rede internet é informação e não conhecimento. É o homem quem produz conhecimento, sua capacidade de análise, de síntese, de pensamento lógico. Acrescenta-se aí o papel das políticas públicas movidas por uma política institucional que busca igualdade e ajuda aos menos favorecidos não como caridade, mas como justiça. Se não for assim o homem passa a ser dentro do contexto informacional e capitalista um elemento residual. Milton Santos acredita num outro processo de globalização que tem no homem o seu centro, e nos alerta que é necessário desbancar o dinheiro no seu estado puro como o centro das ações humanas. Não existe na análise conjuntural feita por ele nenhum tom de catástrofe, mas de co-responsabilidade dos setores pensantes de uma sociedade bem como da elaboração de uma alternativa à globalização pregada.

Entregar-se à busca pela cidadania ao invés da busca por produtos de consumo. Talvez, passados os arroubos de entusiasmo pelas novidades técnicas o desempenho, a flexibilidade e a rentabilidade, possamos usar da aproximação que o mundo “ciber” nos proporciona para ganhar o que Milton Santos qualifica de *nova consciência de ser no mundo e grande mutação contemporânea*.

Bibliografia

BRUNNER, José Joaquim. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, J. C. (org). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez; Buenos Aires; Instituto Internacional de planejamento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

CASTELLS, M. *A sociedade em Rede. A era da informação: economia sociedade e cultura*. V1, 10ª. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

_____. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINEZ, Jorge. H. Gutierrez. Novas tecnologias e o desafio da educação. IN: TEDESCO, J. C. (org). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Corte; Buenos Aires: Instituto Internacional de planejamento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Ed. USP, 2007.